
Der fliegende Holländer (O navio fantasma)



Daland, um marinheiro norueguês	baixo
Senta, sua filha	soprano
Erik, um caçador	tenor
Mary, ama de Senta	contralto
O timoneiro de Daland	tenor
O holandês	baixo-barítono

Composição da Orquestra:

Piccolo, 2 flautas, 2 oboés, come inglês, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, oficleide, tímpanos, cordas Palco/bastidores: 3 piccolos, 6 trompas, gongo, máquina de vento

Primeiro Ato

Costa rochosa da Noruega; penhascos. O mar ocupa a maior parte da cena. Ampla vista do mar. Tempo tormentoso, violenta borrasca.

CENA 1

O navio de Daland acaba de lançar âncora. O timoneiro, que ficara de guarda quando a tempestade amainou, cochila, enquanto o mar volta a ficar tormentoso e o navio fantasma, com suas velas vermelho-sangue, surge no porto. Os marinheiros ocupam-se ruidosamente de seus afazeres, arriando velas, largando cabos, etc. O capitão do navio fantasma - o Holandês Errante - conta, num monólogo, como lhe é permitido, a cada sete anos, vir à terra buscar a redenção de uma maldição ainda não especificada. Daland, que havia desembarcado de seu navio, sobe a bordo do navio fantasma, e o holandês lhe oferece uma grande riqueza em troca da hospitalidade por uma noite. Daland, que mal pode acreditar no que ouve, também acorda no interesse demonstrado pelo rico forasteiro, de cortejar a sua filha Senta, e se apressa em levá-lo para casa.

Marinheiros - *(trabalhando)* Ráiôîê! Ráiôîê! Ráiôîê! Rô!

Daland *(descendo da rocha)* - Não há dúvida. A sete milhas do porto nos arrojou a tormenta. Tão perto da meta depois de longa viagem, estava-me reservado este contratempo!

Timoneiro - *(de bordo, grita fazendo concha com suas mãos)* - Ei, capitão! Daland - Como estão indo as coisas a bordo?

Timoneiro - *(como antes)* Bem capitão, o ancoradouro é seguro.

Daland - Aqui é Sandwike. Conheço bem a baía. Maldição! Já estava por ver minha casa, na costa. E pensava em poder abraçar minha filha Senta! E subitamente soprou esse vento desde a torneira do diabo! Quem se confia no vento, confia na piedade de Satanás!

(Indo a bordo)

De que nos serve protestar? Paciência, já que está se acalmando a tormenta; uma borrasca tão violenta não podia durar muito.

(Fá a bordo)

Eia, rapazes! Haveis vigiado por um largo tempo, ide descansar, já não há nada aqui a temer!

(Os marinheiros descem ao porão do navio)

Está bem, timoneiro, farás a guarda por mim? Não há perigo, mas julgo de bom alvitre que vigies.

Timoneiro - Não se preocupe! Dormi em paz, capitão!

(Daland entra em seu camarote. O timoneiro fica só no tombadilho. A tormenta acalmou-se um pouco e agita-se de vez em quando; no mar aberto ainda se elevam as ondas. O timoneiro faz uma olhadela em tomo do mar e da costa e se senta ao lado do leme)

Timoneiro - *(boceja e se sacode para combater o sono) - (Canção)*

Após tormentas e borrascas, desde longínquos mares, minha menina, estou agora perto de ti! Sobre as gigantes vagas do sul, minha menina, eis-me aqui. Minha querida, se não fosse pelo vento meridional, jamais regressaria ao teu lado; ah, querido vento meridional, sopra de novo! Minha garota me afasta. Rôráiê! Rálarô!

(Luta contra seu cansaço e termina dormindo. A tormenta recrudescer; escurece. Ao longe surge o navio do holandês errante, com velas da cor de vermelho-sangue e mastros negros. Velozmente, acerca-se da costa, do lado oposto ao do barco norueguês, com um impressionante ruído solta a âncora. O timoneiro desperta; ao notar que não ocorreu nada de grave em seu redor, murmura o começo de uma canção e volta a dormir. No maior silêncio, a tripulação do barco fantasma arria as velas.)

CENA 2

O holandês desembarca, vestido de negro.

Holandês - Cumpriu-se o prazo, novamente passaram-se sete anos! E já farto de mim, o mar me arroja à terra. ..ah, oceano soberbo! Em pouco tempo me terás de volta! Tua obstinação pode ceder, porém meu tormento parece eterno! A redenção que busco em terra jamais encontrarei! A vós outras, ondas dos mares do mundo, eu lhes serei fiel até que a última onda se rompa e vossas últimas águas se sequem! Porém, ah, minha sepultura nunca se abre! Burlando-me, desafiei os piratas e esperei morrer em meio a uma luta selvagem: “Aqui -gritei - demonstrai vossas proezas, minha nave está cheia de tesouros!” Porém, ah, o bárbaro filho dos mares persignou-se e fugiu! Quantas vezes ao mais profundo abismo do mar eu me arrojé pleno de ansiedade! Porém, ah, não pude encontrar a morte! Para lá, onde os barcos encontram sua horrenda tumba, guiei a minha nave por entre escolhos. Nunca achei uma tumba! Nunca uma tumba! Tal é a horrível sentença do condenado! A ti eu pergunto, anjo bendito de Deus, conseguiste minha absolvição? Ou fui somente o objeto de uma burla tua quando me anunciaste a salvação? Vã esperança! Ilusão louca e terrível! A felicidade eterna não existe sobre a terra! Só uma esperança me resta, somente ela perdura incólume: enquanto que na terra crescem caules novos, um dia eles devem perecer. Dia do juízo! Dia do sinistro! Quando amanhecerás em minha noite? Quando soará o golpe aniquilador que destruirá o mundo? Quando todos os mortos ressuscitarão, quando penetrarei o vazio? Ah, astros, terminai vosso curso! Extinção eterna, recebei-me!

CENA 3

(Daland aparece no tombadilho de seu barco; olha em volta e, na direção do vento, vê a nave do holandês; procura distinguir o timoneiro.)

Daland - Rê! Rôiô! Timoneiro!

Timoneiro - *(sonolento, meio refazendo-se)* Não passa nada, não passa nada! *(para demonstrar que não está dormindo, repete sua canção)* Ah, querido vento meridional, sopra, minha menina...

Daland - *(sacudindo-o vigorosamente)* Não vês nada? Vigiaste bem, rapaz? Ali há um barco...quanto tempo dormiste?

Timoneiro - (*levantando-se rapidamente*) Ah, ao diabo! Perdão, capitão! (*toma a trombeta marinha e chama a tripulação do Holandês*) Quem está aí? (*pausa, não há resposta*) Quem vive aí?

Daland - (*vendo o Holandês já em terra*) Basta! Parece que vi o capitão! Ei, rôlá! Marinheiro! Eu te chamo! Qual é teu nome e teu país?

Holandês - (*depois de uma pausa, sem mudar de lugar*) - Venho de longe. Com o furacão e a borrasca me negarás continuar neste ancoradouro?

Daland - Livre-me Deus! Os marinheiros são hospitaleiros. Quem és?

Holandês - Um holandês.

Daland - (*que também desembarcou*) Que por Deus sejas bem-vindo! Assim também te arrojou a tormenta sobre esta desnuda costa rochosa? A mim não me fez melhor: há poucas milhas daqui está meu lar; quase ao chegar tive de me desviar novamente. Dize-me, de onde vens? Sofreste alguma avaria?

Holandês - Meu navio é sólido, não sofreu avaria nenhuma. Castigado por tormentas e fortes ventos tenho errado através dos oceanos, nem posso dizer por quanto tempo: já não conto mais os anos. É impossível que eu nomeie os países que conheci. Existe somente um ao qual anseio voltar, e eu não posso nele encontrar-me jamais: a minha pátria! Permita que eu me hospede por curto tempo em tua casa e não te arrependarás de fazer-me amigo. Com riquezas de todas as regiões e zonas, meu navio está carregado: se quiseres negociar, certamente serás o beneficiado.

Daland - Que assombroso! Posso crer nas tuas palavras? Parece que até agora te tem perseguido uma má estrela, ofereço-me para servir-te da melhor forma. Posso perguntar-te que levas em teu barco?

Holandês - (*faz um aceno a seus homens: dois deles trazem um cofre*) Verás os tesouros mais singulares, pérolas e pedras preciosas. (*Abre um cofre*) Olha e convence-te do valor daquilo que eu te ofereço em deferência à tua hospitalidade.

Daland - (*assombrado, olhando o conteúdo do cofre*) Como! É possível? Todo esse tesouro? Quem é tão rico para oferecer um preço deste?

Holandês - O preço? Acabo de citá-lo: é por uma só noite de alojamento! Todavia, o que tens visto é somente uma ínfima parte do que contêm as despensas de minha nave. Para que quero a riqueza? Não tenho mulher, nem descendência, e não posso encontrar minha pátria! Todas as minhas riquezas te ofereço se em tua casa me ofereceres um novo lar.

Daland - Que devo ouvir?

Holandês - Tens uma filha?

Daland - Sim, uma criatura encantadora!

Holandês - Que seja minha esposa!

Daland - (*alegre e surpreendido*) O quê? Não me equivoco? Minha filha, tua mulher? Parece que falas sério. Temo que se eu permaneço indeciso tu mudes de ideia. Se eu pelo menos soubesse se estou sonhando ou desperto! Poderia por acaso encontrar melhor

partido e genro? Seria um tolo se deixasse escapar esta oportunidade! Encantado, aceito.

Holandês - Ah, não tenho mulher, nem filhos, nada que me ate ao mundo! O destino me persegue sem descanso, minha única companhia é o sofrimento. Jamais chegarei à minha pátria: de que servem as riquezas que eu consegui? Se aprovas essa aliança, então, que todos os meus tesouros sejam teus!

Daland - Sim, estrangeiro, tenho uma formosa filha, que me obedece com amor filial; é ela meu orgulho, meu tesouro mais precioso, meu consolo na desgraça, minha alegria na felicidade.

Holandês - Que sempre mantenha o amor a seu pai; se a ele é fiel, também o será a seu marido.

Daland - Das joias, pérolas sem preço, porém é o maior de todos os tesouros, uma mulher fiel..

Holandês - Tu me a dás?

Daland - Dou-te minha palavra. Teu destino me comove; tua generosidade demonstra nobreza e uma alma sensível. Sempre sonhei ter um genro como tu: e se tua riqueza não fosse tanta, ainda assim eu te elegeria como o escolhido.

Holandês - Muito obrigado! Poderei ver hoje tua filha?

Daland - O próximo vento favorável nos levará para casa; a verás e, sim, ela te agradecerá..

Holandês - Será minha... (*à parte*) Será ela o anjo? Sim, na horrível tempestade de meus sofrimentos, a ânsia que me remexe para a redenção me permite aferrar-me à única esperança que me resta? Poderei pensar nessa ilusão de que um anjo se apiedará de mim? As dores que oprimiam minha cabeça terão chegado ao tão ansiado fim? Ah, sem ser otimista como me encontro, ainda assim alento uma esperança.

Daland - Agradeço-te, ó tormenta, por haver-me trazido a estas praias! Por certo que saberei usufruir o que a minha sorte me presenteia. Vós outros que o haveis trazido a esta costa, sede benditos, oh, ventos. O que todo pai deseja já é para mim uma realidade: um genro rico. Sim, a este homem rico e digno ofereço com muito gozo minha casa e minha filha.

(*A tormenta acalmou-se totalmente; o vento mudou de direção*)

Timoneiro - (*de bordo*) Vento meridional! “Ah, querido vento meridional, sopra!”

Marinheiros - (*agitando seus gorros*) Ralôrô! Ralôrê! Raloiô!

Daland - Tu vês, a sorte te favorece; o vento é favorável, o mar se acalmou. Levantemos as âncoras neste instante e alegremente naveguemos para casa. Timoneiro e marinheiros - (*levantando as âncoras e soltando as velas*) Rôrô! Raloiô!

Holandês - Posso pedir-te que zarpes à frente de nós? O vento nos é favorável, todavia minha tripulação está muito cansada. Eu lhe concederei um breve repouso e logo ‘em seguida te seguirei.

Daland - Ah, o nosso vento?

Holandês - Seguirá soprando até o sul. Meu navio é veloz e não tardará em alcançar-te.

Daland - Tu crês? Está bem, que seja assim! Até mais ver, espero que hoje mesmo possas conhecer a minha filha!

Holandês - Com certeza.

Daland - (*indo para bordo de seu barco*) Ei! Como se incham as velas! Ralô!

Ralô! (*dá um sinal com seu apito*) Pronto, rapazes, à manobra! Marinheiros (*seguram as velas com alegria*) Através de longínquos mares, com tormentas e borrascas, minha menina estou já perto de ti! Urra! Através de altas ondas dos mares do sul, minha menina, estou contigo! Urra! Minha menina, se não fora pelo vento sul, jamais chegaria até ti! Ah, querido vento meridional, sopra! Minha menina anseia por mim. Rôrôrô! Iôlôrô!

(*O holandês sobe a bordo de seu navio*)

Segundo Ato

Uma ampla habitação - a casa de Daland. Nas paredes estão colados mapas e outros objetos relacionados com a navegação. Na parede do fundo, o retrato de um homem pálido, com barba escura e roupa negra. Nesse grande cômodo da casa, transcorre o segundo ato. A caseira de Daland e ama de Senta, Mary, coloca as mulheres para fiarem, preparando agradados para seus amados, que estão navegando no mar. Senta contempla o quadro na parede e canta a balada do Holandês Errante, pela qual ficamos sabendo que a maldição fora-lhe lançada em razão de uma blasfêmia. Senta jura que será o instrumento de sua salvação. Erik, que se aproxima sem ser visto, fica horrorizado com o que ouve. Ele é apaixonado por Senta. Ele lhe conta um sonho que tivera, no qual aparece um marinheiro parecido com o do quadro, trazido para a casa dela pelo pai. E quando a porta se abre e surge o pai acompanhado do holandês, logo reconhecido por Senta, como o capitão do quadro. Ficando a sós com ele, Senta lhe revela o desejo de redimi-lo da maldição. Ele redargue falando sobre o destino que lhe está reservado, caso ela venha a quebrar o voto de fidelidade. Senta lhe promete ser sempre fiel, até à morte. Daland retorna e indaga se a festa de recepção poderia ser transformada numa festa de noivado. Senta reafirma o seu juramento.

CENA 1

Mary e as mulheres estão sentadas ao lado da lareira. Senta recostada em uma grande poltrona, com os braços cruzados, parecendo absorta em contemplação do quadro.

As Moças - Zumbe e zune boa roca (*de fiar*), gira alegremente! Fia mil pequenas linhas, boa roca, zumbe e zune. Meu amado está em alto mar e pensa em seu lar e em sua distante amada. Minha boa roca, brame e sibila! Ah, se pudesses dar origem a um vento favorável ele voltaria logo, ronrom, ronrom! Mais aplicadas, meninas! Sibila e zumbe, boa roca!

Mary - Ah, quão esforçadas, como fiam! Todas pensando em ganhar um navio.

As Moças - Senhora Mary, calai-vos! A senhora sabe muito bem que a canção ainda não terminou!

Mary - Então, cantem! Que vossas rocas não descansem, mas tu, Senta, porque estás calada?

As Moças - Zumbe e zune boa roca, gira alegremente! Fia mil pequenas linhas, boa roca, zumbe e zune. Meu amado está em alto-mar, ganhou muito ouro no sul; ah, boa roca, sibila mais ainda! Ele somente dará ouro à sua menina se ela fiar com aplicação, ronrom, ronrom! Mais aplicadas meninas! Sibila e zumbe, boa roca.

Mary - (*dirigindo-se a Senta*) Moça má, se não fias não receberás nenhuma dádiva de teu noivo.

As Moças - Ela não se importa em apressar-se; seu noivo não está no mar. Ele não traz ouro, traz caça, já se sabe o que vale um caçador!

Senta - (*sem mover-se, canta, para si mesma, um fragmento da balada que mais tarde cantará por inteiro*)

Mary - Aí a tendes! Sempre em frente e mirando o quadro!

(*a Senta*) Vais passar toda a juventude sonhando diante de um quadro?

Senta - (*como antes*) Por que me contastes sua história? Por que me haveis dito quem ele era?

(*suspirando*) Pobre homem!

Mary - Que Deus te ajude!

As Moças - Ei, que escutamos! Ela suspira pelo homem pálido!

Mary - Perdeu a cabeça por ele!

As Moças - Vede o que pode fazer um retrato!

Mary - De nada serve que se a repreenda todo dia. Vem, Senta, junta-te a nós outras!

As Moças - Não a olhem - ela está enamorada. Ei, ei! Oxalá isto não nos traga problemas: Erik é um rapaz de sangue quente - esperemos que ele não faça nada de mal. Não digamos nada! O furioso atirará contra o rival na parede.

(*riem*)

Senta - (*interrompendo-as, irritada*) Silêncio! Com vossas tolas risadas quereis que seriamente eu fique zangada?

As Moças - (*dedicam-se ao seu trabalho com cômico zelo, fazendo girar rápida e ruidosamente as rodas de suas rocas para impedir que Senta proteste*) Zumbe e zune, gira alegremente, fia minhas linhas boa roca, zune e zumbe.

Senta - (*interrompendo-as irritada*) Oh, ponham um fim a essa boba canção, que somente zumbe e zune em meus ouvidos! Se quereis que as acompanhe, escolham algo melhor!

As Moças - Então bem, agora tu cantas!

Senta - Escutai o que proponho: a senhora Mary nos cantará a balada.

Mary - Deus não o permita! Só me faltava isso! Deixai em paz o Holandês Errante!

Senta - Quão à miúdo eu a escutei de vós! Então a cantarei eu mesma: escutai meninas. Desejai que eu chegue aos vossos corações; o destino desse infeliz deverá comovê-las!

As Moças - Estamos de acordo.

Senta - Prestai atenção ao texto.

As Moças - Que descansem as rocas.

Mary - (*irritada*) Eu sigo fiando!

(*As jovens, depois de haverem abandonado suas rocas, acercam-se do assento da poltrona e se agrupam ao redor de Senta. Mary permanece fiando ao lado da lareira*)

Balada

Senta - (*sentada na grande poltrona*)

I.

Iôrôrôê! Iôrôrôê!

Haveis encontrado no mar o barco,
com velas vermelho-sangue e mastros negros?

No poente, o homem pálido, o dono do barco, vigia sem descanso.

Ui! - Como uiva o vento! Iôrôrôê!

Ui! - Como sibila nos cabos! Iôrôrôê!

Ui! - Navega como uma flecha, sem rumo, sem trégua, sem repouso!

Porém, algum dia poderá haver redenção para o homem pálido, desde que encontre uma mulher que lhe seja fiel até à morte.

Ah! Quando a encontrarás, pálido marinheiro?

Ora aos céus para que o mais depressa encontres uma mulher que te seja fiel!

(*Até o final da estrofe, Senta não tira os olhos do quadro. As moças escutam com atenção; Mary deixou de fiar*)

II.

Entre furiosos ventos, numa violenta borrasca, quis uma vez dobrar um cabo; blasfemou e jurou com louca audácia:

“Não tomarei atrás nem na eternidade!”

Ui! O ouviu sataná - Iôrôrôê!

Ui! E lhe tomou a palavra - Iôrôrôê!

Ui! E agora erra maldito

pelos mares, sem descanso, sem paz!

Ah! Para que o pobre homem encontre a redenção o anjo do Senhor lhe indicou como poderia obter na terra, em algum dia, a salvação.

Ah! Será que a podes encontrar, homem pálido?

Reza aos céus para que o mais depressa encontres uma fiel mulher!

(As jovens estão comovidas e cantam em voz baixa os últimos versos. Senta, que a elas havia se incorporado durante a segunda estrofe, continua com animação crescente)

I. Ancora o barco a cada sete anos, desembarca para cortejar uma mulher; a cada sete anos cortejou mas nunca encontrou uma mulher fiel!

Ui! - “Soltai as velas!” Iôrôrê!

Ui! - “Levantai a âncora!” Iôrôrê!

Ui! - “Amor falso, falsa fidelidade!

Ao mar, sem descanso nem paz!

(Senta, com a voz embargada pela emoção, deixa-se cair no sofá; após uma pausa, as jovens seguem cantando em voz baixa)

As Moças - Ah, onde estará aquela que te anunciou o anjo de Deus? Onde encontrarás aquela que te será fiel até à morte?

Senta - *(juntando-se às moças, subitamente, com inspiração)*

Eu serei a que te salvará com sua fidelidade!

Que o anjo de Deus te guie para aqui!

Lograrás tua salvação, graças a mim!

Mary e as Moças - *(levantando-se assustadas)* Socorro, céus! Senta!

(Erik entrou sem ser visto pela porta e escutou as exclamações de Senta) Erik - Senta, Senta! Queres destruir-me!

As Moças - Socorre-nos, Erik! Ela enlouqueceu!

Mary - Sinto que meu sangue está congelado! Horrendo quadro, desaparece daqui, até que retome para casa o seu pai!

Erik - *(sombrio)* O pai está chegando!

Senta - *(que havia permanecido imóvel e abstraída, parece despertar de seu sonho e se dispõe a sair alegremente)* Meu pai está chegando?

Erik - Vi seu barco acercando-se das escarpas.

As Moças - *(alvoroadas)* Já regressam.

Mary - *(fora de si, muito atarefada)* Vede para que servem vossos entusiasmos! Nada está

preparado em casa!

As Moças - Já regressam! Corramos para fora!

Mary - (*retendo as jovens*) Alto lá! Permaneçam em casa! Os marinheiros regressarão com os estômagos vazios. À cozinha e à adega! Rápido! Deixai que as mortifique a curiosidade; em primeiro lugar está o vosso dever!

As Moças - (*para si*) Ah, quantas perguntas desejo fazer-lhe! Não posso resistir à minha curiosidade. Está bem! Logo que tivermos servido, tarefa alguma nos deterá aqui.

(*Mary impele as moças para fora e as segue*)

CENA 2

Erik, Senta

Senta se dispõe a partir; Erik a detém.

Erik - Fica aqui, Senta! Fica por um momento! Livra-me de meus tormentos! Oh, se quiseres, ah, rompe comigo de vez!

Senta - (*vacilando*) Que se passa contigo? Que queres que eu faça?

Erik - Oh, Senta, dize-me, que será de mim? Teu pai está chegando; antes que volte a partir cumprirá o que tantas vezes desejou..

Senta - Que queres dizer com isso?

Erik - Dar-te um esposo. Meu coração, minha lealdade até à morte, meus humildes bens, minha destreza como caçador: bastarão para que eu peça a ele tua mão? Não me rejeitará, teu pai? Se então meu coração se despedaçar de dor, diz, Senta, quem intercederá por mim?

Senta - Ah, cala-te, Erik! Deixa-me sair e receber meu pai. Se, como de costume, sua filha não subir a bordo para saudá-lo não ficará ele muito zangado?

Erik - Queres fugir de mim?

Senta - Devo ir ao porto.

Erik - Tu me iludes?

Senta - Ah, deixa-me sair!

Erik - Foges destas feridas que a este louco de amor por ti hás infligido? Ah, escuta-me neste momento, ouve minha última pergunta, antes deste coração se destroçar de dor, será Senta quem irá interceder por ele?

Senta - (*titubeando*) Como? Duvidas de meu coração? Duvidas de meus sentimentos por ti?

O que desperta em ti esses sofrimentos? Que suspeitas obscurecem tua alma?

Erik - Teu pai, ah! Ele só ambiciona riquezas..e tu, Senta? Como hei de confiar em ti? Aquiesceste, por acaso, a um só dos meus rogos? Não torturas meu coração todos os dias?

Senta - Teu coração?

Erik - Não podes terminar com essas fantasias e sonhos?

Senta - Posso me impedir que, vendo-o no retrato, me apiede dele?

Erik - E a balada - hoje também tu a cantaste!

Senta - Sou uma menina sonhadora e não sei o que canto... Oh, dize-me o que ocorre? Temes a um retrato, a uma canção?

Erik - Estás tão pálida! Assegura-me que não tenho nada a temer!

Senta - Não pode comover-me o terrível destino desse desditado?

Erik - E meus sofrimentos, Senta, eles não mais te preocupam?

Senta - Não exageres! Qual é a tua dor? Conheces o destino desse infeliz? *(conduz a Erik para junto do quadro)* sentes a dor, o profundo pesar, com que ele me olha? Ah, como o que lhe tirou a paz para sempre atravessa dolorosamente meu coração!

Erik - Ai de mim! Tu me anunciaste um sonho desgraçado! Que Deus te proteja! Satã te pegou!

Senta - O que te assusta tanto assim?

Erik - Senta, tem confiança no que te digo: isto tudo é um sonho! Leva em conta esta advertência!

(Senta, exausta, senta-se no sofá; no princípio da narração de Erik, cai em uma espécie de torpor hipnótico; parece estar vivendo o sonho que lhe narra o jovem. Ele está ao seu lado, apoiado contra o assento)

Erik - *(com voz baixa)* - No alto do rochedo encontrava-me sonhando e vi sob mim o fluxo do mar; eu ouvi a rebentação, como espumavam com fúria as ondas. Um barco estrangeiro divisei nas cercanias da praia, misterioso e fantástico; dois homens desembarcaram: um deles, eu o vi bem, era teu pai.

Senta - *(com os olhos fechados)* E o outro?

Erik - Eu o reconheci: o gibão negro, seu rosto pálido...

Senta - *(como antes)* O olhar sombrio..

Erik - *(apontando para o quadro)* Era ele, o homem do mar.

Senta - E eu?

Erik - Saíste de tua casa, correste para saudar teu pai, mas apenas te vi avançar e te lançares aos pés do estrangeiro - vi-te abraçar seus joelhos..

Senta - *(com agitação crescente)* Ele me levantou?

Erik - Até seu peito; o abraçaste apaixonadamente. Tu o beijaste com ardente desejo..

Senta - E depois?

Erik *(olhando-a surpreendido, depois de uma pausa)* Eu os vi fugir para o mar.

Senta- *(despertando rapidamente, ainda em êxtase)* Ele me procura! Devo vê-lo! Devo morrer com ele!

Erik - *(desesperado)* Horror! Agora compreendo! Estás perdida! Meu sonho me disse a verdade!

(sai violentamente, horrorizado)

Senta - *(passado o impulso de entusiasmo, abstraída e calada, permanece onde está com a vista fixa no quadro: logo após uma pausa, canta em voz baixa porém com profunda emoção o final da balada)*
Ah, tu a podes encontrar, pálido marinheiro! Reza aos céus para que encontres uma mulher fiel..ah!

(A porta se abre. Daland e o Holandês entram. O olhar de Senta vai do retrato ao Holandês, grita assombrada e permanece imóvel, sem deixar de mirá-lo)

CENA 3

Senta, Daland, o Holandês

O Holandês avança lentamente

Daland - *(que havia parado na soleira da porta, acerdando-se)* Filha minha, me vêes na soleira da porta.. Como? Não me abraças, não me beijas? Ficas aí fascinada em teu lugar - mereço eu, Senta, uma tal acolhida?

Senta - *(quando Daland está ao seu lado, o toma pela mão)* Bem-vindo sejas! *(atraindo-o até ela)*
Diz-me pai, quem é o estrangeiro?

Daland *(sorrindo)* Tu me pressionas para que te diga logo?

Aria

Queres, filha, dar boas vindas ao estrangeiro, é marinheiro como eu, e solicita hospitalidade. Sem um lar há muito tempo, sempre ausente em longas viagens, em terras estrangeiras, ganhou muitas riquezas. Proscrito de sua pátria, pagará generosamente por um lar: fala, Senta, gostarias que esse estrangeiro vivesse conosco?

(Senta acede com um movimento de cabeça: Daland volta-se para o estrangeiro)

Dize, falei o suficiente para que ela entenda tudo? Dize tu a estás vendo - ela te agrada? Devo ainda transbordar de elogios? Confessa, ela honra a sua feminilidade e estirpe?

(O Holandês assente com um gesto)

Filha minha, queres tu dar provas da tua hospitalidade a este homem? Queres também aceitar a formosa oferta de seu coração? Dás tua mão e queres chamá-lo de esposo? Se estás de acordo com a promessa de teu pai, amanhã ele será teu marido.

(Senta transparece estremecida, com um aflitivo movimento; Daland mostra umas joias a sua filha)

Olha aqui este conjunto, olha estes broches! Isto é apenas uma pequena amostra do que ele possui. Querida filha, não desejas ser dona disto? Terás muito, em troca do anel nupcial.

(Senta não lhe presta atenção, não deixa de olhar o Holandês, o qual, por sua vez, sem escutar Daland,

está absorto em mirar a jovem. Daland se acautela e percebe; ele olha em ambos)

Ora veja nenhum dos dois diz nada.. Devo eu aqui ser importuno? Que seja, melhor deixá-los à vontade.

(a Senta)

Oxalá ganhes um tão nobre marido! Crê-me, não voltarás a ter uma sorte igual.

(ao Holandês)

Eu os deixo a sós aqui! Eu vou para fora. Acredita, ela é tão leal como bela! *(Ele se retira lentamente, olhando-os com satisfação e surpresa. Senta e o Holandês ficam a sós. Longa pausa.)*

Dueto

Holandês - *(profundamente comovido)* Como de local muito distante e de tempos passados me fala a imagem desta donzela: tal como a sonhei desde a eternidade está aqui, frente a meus olhos. Quanta vezes elevei meu olhar ansioso, na noite profunda, até uma mulher: a perfídia de Satanás deixou-me um coração palpitante para que sempre recordasse meu tormento. Ao fogo sombrio que me abrasa o peito poderei, eu infeliz, chamá-lo de amor? Ah, não! É o anseio de salvação: oxalá ela me chegue através de um anjo como este que vejo!

Senta - Estou ainda abismada em um sonho maravilhoso? O que contemplo, não é uma ilusão? Tenho vivido até agora em um mundo falso, amanhece o dia do despertar? Ele está diante de mim, com traços doloridos, revelando-me seu inautido sofrimento: pode mentir-me a voz de uma profunda paixão? A tristeza que corroi o meu peito, ah, a esse desejo, como o chamarei?

A salvação que desejas, pobre homem, oxalá possas lográ-la através de mim.

Holandês - *(acercando-se de Senta)* Não te opões à escolha de teu pai? O que ele me prometeu, posso esperá-lo? Poderás ser minha para sempre, dando tua mão a este estrangeiro? Depois de uma vida de dor, encontrarei em tua fidelidade a tão esperada paz?

Senta - Sejas tu quem fores e qualquer que seja a sentença, seja qual for a sorte que deva suportar, sempre obedecerei a meu pai!

Holandês - Como assim, sem reserva? Podem inspirar-te meus pesares uma piedade tão profunda?

Senta - *(quase para si mesma)* Oh, que dores! Se eu pudesse consolá-lo!

Holandês - *(que a havia ouvido)* Que belo som em minha tumultuada noite! Tu és um anjo! O amor de um anjo pode consolar até os condenados. Oh, se me resta uma esperança de libertação, eterna, que seja através dela!

Senta - *(para si mesma)* Ah, se ainda existe uma esperança de redenção, eterna, que seja tão-somente através de mim!

Holandês - Ah, se pudesses prever o destino que te espera comigo, compreenderias o sacrifício que me ofereces ao jurar-me fidelidade! Tua juventude espulgaria o estreme-

cimento do destino a que desejas consagrar- te se não possúres a mais bela virtude de uma mulher: o cumprimento da fidelidade eterna!

Senta - Conheço bem os deveres sagrados de uma mulher; consola-te, pois, homem desditado! Deixa que o destino pronuncie seu julgamento sobre quem desafie seus decretos. Na pureza sublime de meu coração, conheço a lei suprema da fidelidade: a quem eu a consagro, e é a ti, ofereço uma lealdade até à morte!

Holandês - *(com exaltação)* Um santo bálsamo em minhas feridas flui desse juramento, dessas excelsas palavras. Ouvi mundo: encontrei minha salvação, oh, potestades, que me havíeis arrebatado! Tu, estrela das minhas desgraças, debes agora empalidecer; tu, luz de minha esperança, ilumina-me de novo! Vós, anjos, que uma vez me abandonastes, fortalecei a fé deste coração!

Senta - Surpreendida por uma poderosa magia sinto o impulso de poder salvá-lo: que aqui ele encontre sua pátria, que aqui descanse seu navio, num porto seguro! Que grande força eu sinto dentro de mim? Que êxtase encerra meu peito? Todo Poderoso, isto que tão alto me enleva, que seja a força da fidelidade.

Trio

Daland - *(regressando)* Desculpai-me! Minha gente não pode ficar lá fora mais tempo! Sabeis que a cada regresso tem lugar uma festa: quisera fazê-la melhor e por isso venho para saber se pode coincidir com vossas bodas? *(ao Holandês)*

Penso que a há cortejado a gosto.

(a Senta)

Senta, minha filha, consentes?

Senta - *(com solene resolução)* Eis aqui a minha mão! Sem arrependimento, será fiel até à morte!

Holandês - Dá-me tua mão! Os desafios, os poderes do inferno, vencerei através de tua fé!

Daland - Não vos arrependereis de vossa união! À festa! Hoje, nos alegraremos todos!

Terceiro Ato

Uma enseada rodeada de rochas: a casa de Daland em primeiro plano, no costado. O fundo está ocupado pelos dois navios, o norueguês e o holandês. Noite escura. O navio norueguês está iluminado e os marinheiros encontram-se no convés: jubilosos e alegres. A presença do barco holandês oferece um marcante contraste: está rodeado por uma misteriosa obscuridade e marcado por um silêncio mortal.

CENA 1

Marinheiros, timoneiro, moças.

(Cena e Coro)

Marinheiros noruegueses - *(bebendo)* Timoneiro, deixa a guarda! Timoneiro, vem conosco! Rô, rê, rá! Arreia as velas, solta a âncora! Timoneiro, vem! Sem termos o vento na costa hostil hoje estaremos alegres! Todos têm uma amada em terra, excelente fumo e bom aguardente. Russarê! Da tempestade e dos escolhos - Iôlorôê! Nos riremos! Russasarê! Arreia as velas! Firma a âncora! Nos riremos de quebraduras e tormentas! Timoneiro, deixa a guarda! Timoneiro vem para junto de nós! Rô, rê! Timoneiro, vem! Bebe conosco! Ro, rê! Escolhos e tormentas, rê! Já passaram, rê! Russarê! Ralôê! Hussarê! Timoneiro! Rô! Vem e bebe conosco!

(Eles dançam no convés, marcando ruidosamente o compasso com os pés. Chegam as mulheres com bastante comida e bebida)

As Moças - Meu! Vide como dançam! Como bailam bem! Parece até que nem necessitam de mulheres!

(Elas se acercam do navio holandês)

Marinheiros - Ei, mulheres! Detei-vos! Aonde ides?

As Moças - Somente pensais no fresco vinho? Também seus vizinhos lá têm direito à festa! Ou são somente para vós a comida e a bebida?

Timoneiro - Tendes razão! Levai algo a esses pobres rapazes! Parecem estar morrendo de sede!

Marinheiros - Não se os ouve!

Timoneiro - Ei, olha somente! Nenhuma luz! Não há rastro da tripulação!

As Moças - *(a ponto de irem a bordo do barco holandês)* Ei, marinheiros! Rê! Quereis archotes? Onde estais? Nós não vos vemos!

Marinheiros - *(rindo)* Rárará! Não os desperteis, ainda dormem!

As Moças *(chamando, em direção do barco)* Rê! Marinheiros! Rê! Respondei!

(grande silêncio)

Timoneiro e Marinheiros -Rárá! *(com gozação, com fingida pena)* Com certeza estão mortos; não necessitam nem de comida nem de bebida!

As Moças - *(como acima)* Como assim, marinheiros? Já estais deitados, prazerosos? Hoje, para vós, também não é um dia de festa?

Marinheiros *(como antes)* Permanecem quietos em seu posto, custodiando seus tesouros como dragões.

As Moças - Ei, marinheiros! Não querem vinho fresco? Seguramente deveis estar sedentos!

Marinheiros - Não bebem, não cantam; em seu barco não arde nenhuma luz!

As Moças - Decidi! Não tendes nenhuma noiva em terra?

Não quereis dançar nesta praia amistosa?

Marinheiros - Já são velhos e pálidos, e suas amadas já estão mortas!

As Moças - (*chamando veementemente*) Ei, marinheiros, despertai! Nós temos a oferecer para vós um montão de comida e bebida!

Marinheiros (*acompanhando o chamado*) - Ei, marinheiros, despertai! (*largo silêncio*)

As Moças - (*surpreendidas e assustadas*) Verdadeiramente, parecem mortos! Não necessitam nem de comida nem de bebida!

Marinheiros (*alegremente*) Conhecem a história do Holandês Errante? Vede aí seu barco!

As Moças - (*como antes*) Então não desperteis a tripulação! Juraríamos que são fantasmas!

Marinheiros (*com crescente vivacidade*) Quantos séculos fazem que naveguem? As tempestades e as rochas não os afetam?

As Moças - Não bebem, não cantam. Em seu barco não arde nenhuma luz! Marinheiros - Não tendes nenhuma carta, nenhuma encomenda para terra? Nós as entregaremos aos nossos bisavós!

As Moças - São velhos e pálidos, em vez de rosados! E suas amadas, ah, estão mortas.

Marinheiros - (*ruidosamente*) Ei, marinheiros! Desdobrai vossas velas e mostrai-nos como navega o Holandês Errante!

As Moças - (*retiram-se assustadas com seus cestos do navio holandês*) Não olhem! Nos dá medo! Não querem nada, para que chamá-los?

Marinheiros - Queridas donzelas, deixai em paz os mortos! Divirtam-se conosco, que estamos vivos!

As Moças - (*entregando as cestas aos marinheiros*) Tomai-as! Os vizinhos as rechaçaram!

Timoneiro - Como, não vindes a bordo?

Marinheiros - (*Repeti*)

As Moças - Ei, agora ainda não! Ainda é cedo! Viremos mais tarde! Agora bebei à vontade, e, quando quiserdes, dançai também, somente deixem em paz os vossos cansados vizinhos.

(*elas se vão*)

Marinheiros - (*esvaziando as cestas.*) Viva! Há aqui de tudo! Muito obrigado, queridos vizinhos!

Timoneiro - Que todos encham seus copos até à borda! Nossos queridos vizinhos nos proporcionaram a bebida.

Marinheiros - (*jubilosamente*) Ralôrô! Queridos vizinhos, se tendes voz e fala despertai e imitai-nos. Urra!

(*bebem e fazem ruído com seus copos; a partir desse momento começa a haver sinais de vida no barco holandês*)

Marinheiros - Timoneiro, deixa a guarda! Timoneiro, vem juntar-te a nós! Rô! Rá! Içai as velas! Soltai a âncora! Timoneiro, vem aqui! Muitas noites vigiamos no fragor das tormentas, bebendo água salgada do mar! Hoje vigiamos no regozijo da festa e as jovens nos dão uma melhor bebida de tonel. Urra! As rochas e as tempestades já se foram... Iôlôrô! Urra! Içai as velas! Nos rimos dos escolhos e da tormenta! Timoneiro, deixa

a guarda, timoneiro, vem até nós! Rô! Rá! Timoneiro, bebe conosco! Rô! rê! Rochas e tormentas, rê! Foram todas superadas! Urra! Urra! Timoneiro, rô! Vem beber conosco! Tripulantes do Holandês - Iôôrôrê! Iôôrôrê! Rôê! Rôê!

Rui -çá! A tormenta nos arroja à terra. Rui -çá! Enrolai as velas! Livrai a âncora! Rui - çá! Pronto, para a baía! O negro capitão vai à terra, já são passados sete anos! Pede a mão a alguma donzela loura! Menina loura sê fiel! Hoje está alegre, ui! O noivo, ui! O furacão uiva música nupcial e o oceano baila! Ui! O ruído, como sibila! Capitão, já estás de volta? Ui! Içai as velas! Diz, capitão, onde está a tua noiva? Ui! Ao mar! Capitão, não tens sorte no amor! Rárará! Uiva e ruge, furacão! Não dás repouso a nossa velas! Satanás no-las teceu, não se desgarrarão por uma eternidade. Rôrôê! Por uma eternidade!

(durante a canção da tripulação holandesa, seu navio é sacudido por uma violenta borrasca; um vento terrível uiva e sibila através das ferramentas. Como antes, reina a mais completa calma no mar e no ar, exceto ao redor do barco) Marinheiros noruegueses - (que viram e ouviram tudo, primeiro com assombro e logo depois com terror)

Que canto! São fantasmas! Tenho medo! Cantemos nossas canções! A toda voz! Timoneiro, deixa a guarda! Timoneiro, vem conosco! Rô! Rê! *(A canção da tripulação holandesa é repetida com força crescente; os noruegueses tratam de dominar o barulho com sua canção; depois de tentar em vão, são silenciados pelo bramido do mar, os sibilos e uivos dessa tormenta sobrenatural e pelo cada vez mais selvagem canto dos holandeses. Retrocedem, fazem o sinal da cruz e fogem para o tombadilho; os holandeses ao vê-los, riem estridentemente. Novamente reina uma calma mortal em seu barco; em um instante, o vento e o mar se acalmam)*

CENA 2

Senta sai aceleradamente de casa, presa de grande agitação. Erik a segue.

Erik - Que devo ouvir, Deus meu, que devo ver! É mentira o que é verdade? Pode ser?

Senta - *(volvendo o rosto, com pena)* Oh, não perguntes! Não posso contestar-te!

Erik - Justo Deus! Não há dúvida, é verdade! Que força ímpia te impulsiona? Que força te seduz tão prontamente para destroçar cruelmente este leal coração? Teu pai - ah, ele trouxe consigo o noivo. Eu o conheço bem, suspeitei que passaria por isto. Porém tu...é possível! Deste tua mão a um homem que apenas havia passado a soleira de tua porta?

Senta - *(como antes)* Basta! Cala-te! Devo fazê-lo!

Erik - Tua obediência é tão cega como tua ação! aceitaste complacente a sugestão de teu pai, com um só golpe aniquilaste meu coração!

Senta - *(lutando consigo mesma)* Nunca mais! Nunca mais! Eu não devo nunca mais ver-te, nunca em ti pensar: mo ordena um dever sagrado!

Erik - Que dever sagrado? Não o seria mais manter a fé eterna que me havias prometido?

Senta - *(fortemente conturbada)* Como? Prometi-te fidelidade eterna?

Erik - *(com dor)* Senta, oh, Senta, não negues!

Cavatina

Não queres recordar mais aquele dia em que me chamaste, lá no vale? Quando para conseguir-te flores da montanha com valor suportei grandes fadigas? Recordas quando no alto alcantilado vimos partir teu pai, da costa? Partiu, em seu navio de brancas velas, depois de haver-te confiado aos meus cuidados. E quando teu braço cingiu meu colo não me renovaste tua promessa de amor? O que eu senti ao apertar tuas mãos, diz, não foi uma confirmação de tua lealdade?

(o Holandês, que escutou tudo sem ser visto, apresenta-se dominado por uma terrível agitação)

Holandês - Estou perdido! Ah, perdido! A Salvação está perdida para sempre!

Erik - *(retrocedendo espantado)* Que vejo? Deus!

Holandês - Senta, adeus!

Senta - *(cortando-lhe o passo)* - Detém-te, desditado!

Erik - *(para Senta)* Que vais fazer?

Holandês - Ao mar, por toda a eternidade!

(a Senta)

Tua fidelidade se desvaneceu, tua fidelidade e minha salvação! Adeus, não quero te causar dano!

Erik - Esse olhar espanta!

Senta - *(como antes)* Detém-te, nunca mais te irás daqui!

Holandês - *(com um estridente sinal a sua tripulação)* Soltai as velas! Levantai a âncora! Despedimo-nos da terra para sempre!

Senta - Ah, duvidas da minha fidelidade? Desditado, o que te cega? Detém-te, não destruas nossa união! Mantereis minha promessa!

Holandês - Outra vez mais me arrojarei ao mar! Duvido de ti, duvido de Deus! A fidelidade está perdida! Tua promessa foi uma burla!

Erik - Que ouço? Deus meu, que vejo! Devo crer no que meus olhos veem e os ouvidos ouvem? Senta, queres perder-te? Vem comigo, ele está nas garras de Satanás!

Holandês - Inteira-te do destino do qual eu te livre! Estou condenado à mais atroz das sortes: morrer dez vezes seria um prazer mais que desejado! Desta maldição só pode livrar-me uma mulher que seja fiel a mim até à morte... prometeste-me fidelidade porém não todavia perante o eterno: isto te salva! Então inteira-te, desditada, que destino espera às que me são infiéis: sua sorte é a condenação eterna! Inumeráveis vítimas têm sofrido esta sentença por minha causa! Porém tu te salvarás. Adeus, redenção, por toda a eternidade!

Erik - *(aterrorizado grita para a casa e para o barco)* Socorro! Salvai-a! Senta - *(presa de terrível agitação)* Conheço-te bem! Conheço bem teu destino! Conhecia-te antes da primeira vez que te vi! Chegou o fim de teu tormento! Eu sou aquela que por sua fidelidade lograrás a tua redenção! *(aos gritos de Erik, Daland, Mary e as moças saem apressadamente de*

casa e os marinheiros do barco)

Erik - Ajudai-a, está perdida!

Daland, Mary e coro - Que vejo!

Daland - Deus!

Holandês- *(a Senta)* Não me conheces, nem suspeitas quem eu sou!

(faz sinal para o barco, que tem desenroladas suas velas roxas e cuja tripulação espectral se prepara febrilmente para zarpar)

Pergunta a todos os mares do mundo, pergunta ao marinheiro que atravessou o oceano, ele conhece este barco, o terror de todos os sãos: chamam-me o Holandês Errante!

Tripulação do Holandês - Iôrôrê! Rôê! Ruiçá!

(com a velocidade de um raio, o Holandês embarca ao som das vozes de sua tripulação. O navio parte ante o estupor geral. Senta trata de libertar-se de Daland e de Erik, que a seguram)

Daland, Erik, Mary e coro - Senta, que queres fazer?

(Senta com um desesperado esforço consegue soltar-se e chega bem em cima de um promontório: de lá grita com toda sua força ao Holandês, que se afasta)

Senta - Glória a teu anjo e à sua promessa! Eis-me aqui, fiel a ti até à morte! *(arroja-se ao mar; nesse mesmo instante, se afunda o barco do Holandês e desaparece rapidamente. Na distância, surgem das águas o Holandês e Senta, transfigurados; ele a abraça)*

FIM